

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

MARIA EDUARDA MOREIRA MARTINS VIEIRA

MEU PROCESSO CRIATIVO:

Das influências à identidade visual

Belo Horizonte
2019

MARIA EDUARDA MOREIRA MARTINS VIEIRA

MEU PROCESSO CRIATIVO:

Das influências à identidade visual

Monografia apresentada ao Departamento de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Paccelli da Silva

Horta

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo unir os meus conhecimentos teóricos e práticos a respeito da arte, de modo a apresentar proposições para a licenciatura de Artes Visuais. Foram elencados para fazer parte deste trabalho os aspectos mais importantes, tanto da teoria quanto da prática, tanto da produção artística quanto dos estudos nas disciplinas de licenciatura. Foram levados em conta não apenas os conhecimentos adquiridos durante a graduação em Artes Visuais, mas também, os conhecimentos anteriores, presentes nos cartuns e charges que eu fiz na adolescência. Passei a maior parte do curso de graduação sem ter um mínimo de consistência na minha produção artística, mas o caminho percorrido me permitiu aprender a melhorar quanto a isso, ainda que o caminho pela frente continue a ser longo. Por isso, neste trabalho foram elencadas produções minhas de diferentes modalidades das artes visuais: cartuns, charges, fotografias, pinturas e até desenhos (desenhos estes que possuem semelhanças com as pinturas, devido ao preenchimento de espaço do papel). Nas disciplinas de licenciatura pude aprender muito, na teoria e na prática, sobre os desafios da profissão de professor, e este trabalho mostra algumas das minhas experiências marcantes, que apesar dos obstáculos, me motivam a seguir em frente.

Palavras-chave: Arte, Licenciatura, Prática, Teoria.

ABSTRACT

This work intends to unite my theoretical and practical knowledges about art, presenting propositions for the Visual Arts teaching. From both the theory and the practice, from both the artistic production and the teaching subjects, were chosen the most important aspects to be part of this work. Not only the acquired knowledges during the Visual Arts graduation, but also the past knowledges, present in cartoons made by me when I was a teenager, were considered. I passed the most part of my graduation without having a minimal consistence in my artistic production, but the path went through let me learn how to get better about it, even though the path ahead is still long. Because of that, in this work were chosen different types of my artwork: cartoons, photos, paintings and even drawings (drawings that are similar to paintings, because of the space filling of the paper). On the teaching subjects I had the

opportunity of learning a lot, both in theory and practice, about the challenges of the teaching profession, and this work shows some of my relevant experiences, that motivates me to go ahead, despite the obstacles.

Keywords: Art, Practice, Teaching, Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA	8
1.1 Cartuns e charges na adolescência	8
1.2 Projeto de fotografias artísticas	13
1.3 Pinturas influenciadas pelo Fauvismo	16
2 LICENCIATURA	24
2.1 Perspectivas como professora e formadora de cidadãos	24
2.2 Propostas de atividades artísticas para a licenciatura	26
2.3 Sugestões de material didático e artistas	28
3 UNINDO TEORIA E PRÁTICA	33
3.1 Laboratórios de Licenciatura 1 e 2	33
3.2 Estágios	39
3.3 Influências da Crítica de Arte	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
NOTAS	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Minha proposta é fazer uma monografia sobre o meu próprio processo criativo, desde os traços amadorísticos dos desenhos de infância/adolescência, até a consistência da minha atual produção, influenciada pelo Fauvismo. Pretendo dissertar sobre todo o meu caminho no desenho e na pintura ao longo dos anos.

Quando eu era criança e adolescente, eu gostava de desenhar na escola, no meio das aulas, que não eram de arte. Desenhava meus próprios monstros inventados, e também personagens dos meus desenhos animados preferidos. Esquecia de fazer asas nos dragões e orelhas nos bois.

Ainda adolescente, comecei a fazer cartuns e charges, mas sem uma regularidade de produção. Eram desenhos com variadas críticas sociais, alguns em preto e branco, e outros coloridos. Apesar disso, alguns parentes me indagaram sobre a quantidade de desenhos que eu não coloria, dizendo que faltava cor na minha arte.

Foi também na adolescência que eu comecei a fazer cursos particulares de pintura. Interessei-me principalmente pela tinta acrílica. Ainda assim, eu estava muito mais ligada ao desenho do que à pintura.

Ao me tornar adulta, após concluir vários cursos particulares de artes na adolescência, ingressei na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Comecei a sentir a necessidade de chamar a atenção, e por isso, investi em desenhos e pinturas cada vez mais coloridos. Passei a gostar de usar cores chamativas na minha arte.

Com o passar do tempo, fui percebendo o quanto o meu desenho tendia à pintura, preenchendo totalmente as folhas de papel. Passei a gostar tanto da pintura quanto do desenho.

Eu não sabia que rumo tomar para conseguir alcançar a coerência na minha produção artística. Cada desenho ou pintura que eu fazia parecia simplesmente ter sido feito por uma pessoa diferente. Continuei assim até que, em um certo dia, após uma aula sobre Expressionismo e Fauvismo, resolvi fazer um desenho inspirado no Fauvismo de André Derain, e gostei muito. Algum tempo depois, eu continuava com a minha produção inconsistente, mas chegou um momento em que eu olhei para aquele desenho e resolvi continuar me inspirando em Derain.

A minha arte começou a “querer” ter consistência, e então, consultei a opinião de um professor. Dos aproximadamente 10 desenhos que mostrei a ele, apenas um foi

indubitavelmente elogiado. E foi justamente nesse que eu vi um elemento que poderia trazer coerência à minha arte. É um desenho com lápis de cor aquarelável (e aquarelado), tamanho A4. Nele há 5 blusas penduradas em um varal, cada uma de uma cor e em uma posição diferente, como se elas estivessem vestidas por pessoas em movimento. O chão tem traços pontiagudos, azuis e roxos, e o fundo tem ondas de formatos variados, com pontas majoritariamente finas, mas às vezes, arredondadas. As ondas tinham as cores rosa, rosa escuro, laranja, amarelo ovo e amarelo limão. Olhei para as ondas e pensei: “É isso!”. Comecei, então, a fazer outros desenhos e pinturas com ondas parecidas com aquelas.

Passei a me interessar pela arte de diversos períodos contendo iconografia cristã, e comecei a fazer desenhos e pinturas adequando essa temática (mas não apenas ela) às influências fauvistas e ao uso de ondas parecidas com as do meu desenho das blusas, conseguindo fazer dezenas de produções com um estilo parecido.



Figura 1 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Blusas no varal*, 2018. Lápis de cor aquarelado sobre papel, 21 x 29,7 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 2 – DERAÏN, André (1880-1954): *Ponte de Londres*, 1906. Óleo sobre tela, 66 x 99,1 cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova Iorque, Estados Unidos da América. Fonte: MoMA.¹

1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA

1.1 Cartuns e charges na adolescência

Como eu gostava de desenhar dentro da escola desde pequena, na adolescência acabei desenvolvendo o costume de, de vez em quando, dar um tom de crítica social aos meus desenhos. São os cartuns e as charges, geralmente feitos com lápis grafite e lápis de cor. Eles

foram feitos quando eu tinha, no máximo, 14 anos. Vão desde questões políticas específicas (charges) até as mais genéricas, que são atuais a qualquer tempo (cartuns).

Entre os exemplos de charges, está um feito em papel cinza, com um homem, vestido de terno cinza e gravata vermelha, com o rosto grande e a cabeça pequena, olhos pequenos e arregalados, cabelo curto e escorrido, nariz rosa, imitando o de um porco, e com meleca verde escorrendo e atravessando a tristonha boca. Só aparece o corpo do homem do peito para cima. Da cabeça dele sai um balão de fala defendendo o uso indiscriminado de transgênicos, e depois, uma grande contradição, relativa à sua própria saúde.

A charge em questão foi feita na época em que a produção de alimentos transgênicos era debatida mundialmente como uma questão polêmica. Entre os pontos negativos dos transgênicos, estaria a facilidade de transmissão de contaminação em plantações. A intenção desta charge foi tratar desse ponto polêmico, apresentando humor com uma irônica contradição, defendendo o ponto de vista de que muitas vezes o risco à saúde é maior que o imaginado.

Nessa época, eu não tinha uma boa noção de proporção do corpo humano, e por isso, os personagens apareciam “sem crânio”, com o rosto ocupando praticamente todo o espaço da cabeça.

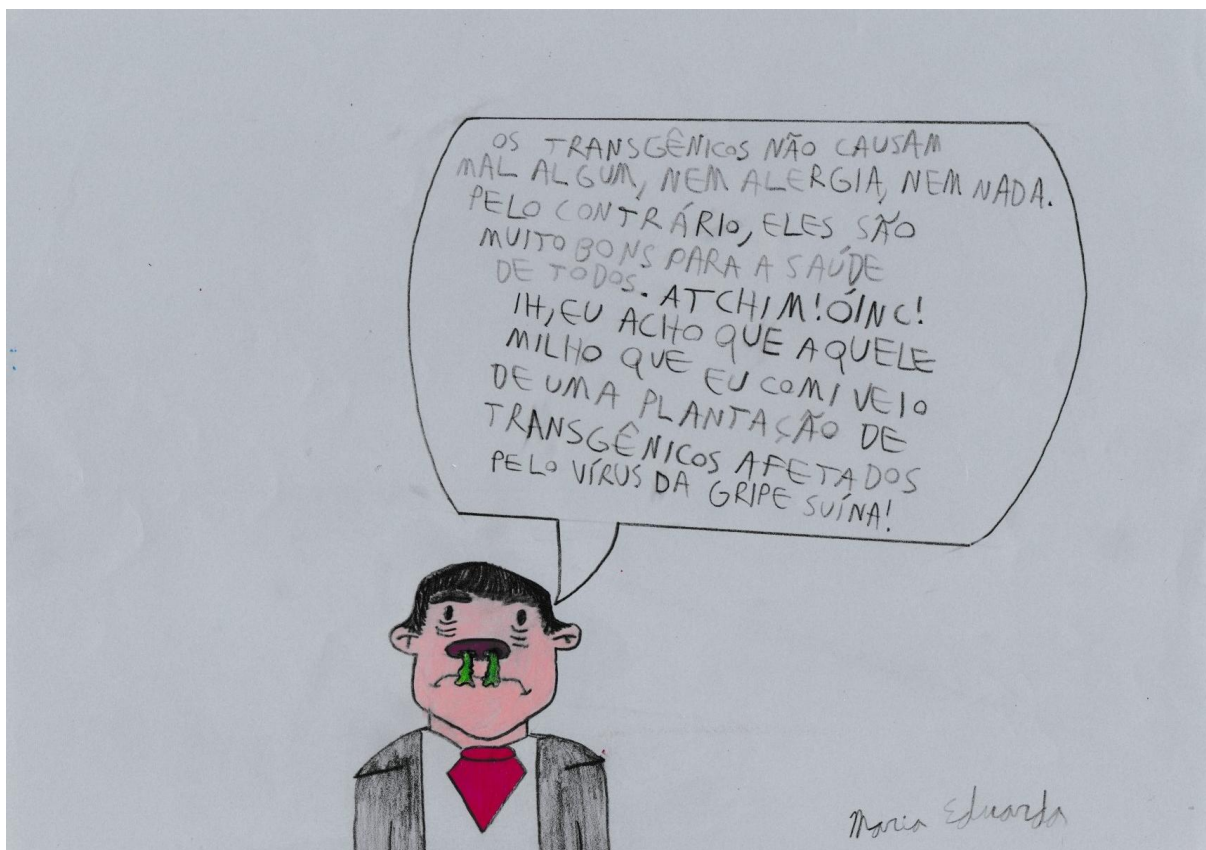


Figura 3 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Charge dos transgênicos*, ca. 2011. Lápis grafite e lápis de cor sobre papel, 21 x 29,7 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Entre os exemplos de cartuns, serão destacados dois, feitos em papel branco. Em um deles, toda a cena é composta apenas por um homem, ao centro, uma geladeira, à esquerda, e uma máquina de lavar roupas, à direita. Os eletrodomésticos são brancos, e o homem usa uma camisa vermelha, uma calça azul escura e sapatos pretos. Pela fala dele e pelos objetos próximos, é possível perceber que se trata de um vendedor de eletrodomésticos. Ele reclama das reclamações dos clientes, uma vez que, na prática, é impossível dar, simultaneamente, descontos à vista e prestações sem juros. Trazer à tona o lado do vendedor, e não do consumidor, acaba gerando um viés humorístico.

Tal cartum, apesar de mostrar a posição de um vendedor de eletrodomésticos, apresenta ao leitor o engano pelo qual ele mesmo pode passar ao pensar que estaria comprando algo com desconto à vista ou com prestações sem juros. O lado do vendedor, portanto, é mostrado de forma irônica, com a intenção de explicitar uma verdade sobre a questão dos direitos do consumidor.

Apesar de, posteriormente, eu julgar esse desenho como tendo uma boa composição e uma proporção razoável para uma principiante, o personagem tem, principalmente na pele, evidentes borrões do lápis grafite com o lápis de cor. Os traços dos eletrodomésticos são muito tortos, e a máquina de lavar tem, em dois lugares, traços errados que foram apagados, mas se evidenciam por terem afundado o papel.



Figura 4 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Cartum do vendedor*, ca. 2011. Lápis grafite e lápis de cor sobre papel, 21 x 29,7 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Em um outro cartum, aparece uma porta com um sinal vermelho de cruz, indicando se tratar de um ambiente hospitalar. Ao lado dela, estão seis assentos, todos ocupados por pacientes. O primeiro da fila (o mais próximo à porta) escora a cabeça com uma das mãos, tem manchas roxas embaixo dos olhos e a língua para fora, demonstrando mal-estar. O segundo, com cara de tédio, escora a cabeça com as duas mãos, e tem um olho roxo e absurdamente inchado. O terceiro tem a pele amarela e o corpo todo coberto por pontos vermelhos. Com os olhos arregalados, ele demonstra muita preocupação. O quarto, de tanto

esperar, dorme escorando um braço no banco, chegando a fazer uma grande bolha de saliva. O quinto, apesar de estar sentando em uma posição perfeitamente normal, tem dois “x” no lugar dos olhos e a língua para fora, e uma cobra com a boca agarrada em um de seus braços. O sexto e último, além de estar morto (assim como o quinto), está com a cabeça cortada, sobre o assento, e o resto do corpo estatelado no chão à sua frente. O ambiente é todo branco. Abaixo da imagem, há um escrito brincando com o duplo sentido da palavra “paciente”.

A cena de pacientes literalmente “caindo aos pedaços” na fila de uma sala de hospital é uma crítica social sobre a carência pública de condições básicas de saúde, de modo que possa ser aplicada a qualquer contexto onde ocorra tal precariedade. Ou seja, por mais que se trate de um desenho feito pensando-se na situação da saúde pública brasileira, há uma generalidade que permite igual entendimento em outros contextos, desde que preservado o sentido das palavras da língua portuguesa.

Apesar de esse desenho ser um dos meus cartuns preferidos, ele possui muitos borrões nas letras, e traços apagados evidentes em vários lugares na região da porta.



Figura 5 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Cartum dos pacientes do hospital*, ca. 2011. Lápis grafite e lápis de cor sobre papel, 21 x 29,7 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

1.2 Projeto de fotografias artísticas

Em julho de 2018, aos 21 anos de idade, cursei pela primeira vez uma residência de um Festival de Inverno da UFMG. Inscrevi-me na Residência de Comunicação, e lá eu aprendi noções básicas de fotografia.

Foi nesse festival que eu comecei a desenvolver o projeto da Vaca Gertrudes, uma vaca de plástico que eu encontrei em uma outra residência do mesmo festival. Tirei fotos dela em vários lugares, de performances a idas ao banheiro.

Junto às fotos da Vaca Gertrudes, coloquei pequenos textos descrevendo os momentos fotografados, muitas vezes com um tom humorístico.

No meu primeiro Festival de Inverno da UFMG, o meu aprendizado não se resumiu às aulas de fotografia. Aprendi, também, a usar a arte para tornar os bons momentos ainda mais especiais, com ou sem planejamento. Encontrar uma vaca de plástico e dar um nome a ela, por exemplo, foi algo feito de improviso. Na verdade, meus colegas do Festival de Inverno deram nome ao animal de brinquedo. Eu apenas aceitei, como se a vaca tivesse revelado seu nome a eles.

A ovelha Ofélia é outro animal de plástico que faz parte do projeto da Vaca Gertrudes. Ela também teve seu nome escolhido pelos meus colegas do Festival de Inverno. Foram tiradas algumas fotos das duas juntas em atividades variadas do cotidiano do evento, mas a maioria contava apenas com a Gertrudes.

O 50º Festival de Inverno da UFMG foi uma oportunidade ímpar de aprendizado acima do esperado. Passei a saber tirar fotografias com muito mais conhecimento do que antes, por mais que ainda me falte conhecimento. E tive também a grata surpresa da “amizade” da minha turma com dois animais de plástico, os quais fizeram parte do meu projeto, que já foi levado pelo professor a alunos dele no Rio de Janeiro. O professor contou que Gertrudes fez sucesso por lá.

Minha amiga é uma vaca

Maria Eduarda Moreira Martins Vieira

Pela primeira vez, eu resolvi participar do Festival de Inverno da UFMG. Me inscrevi na residência de comunicação, e desde o primeiro dia, fiquei muito feliz de aprender a tirar fotos.

No segundo dia, o meu grupo foi visitar a residência de Artes Visuais. Em meio a vários brinquedos velhos e despedaçados, encontrei uma vaca, e ela se tornou minha amiga.



Vaca encontrada na residência de artes visuais

No dia seguinte, eu voltei lá e busquei a vaca. Ela se despediu do professor Jorge e mudou de grupo. Ela disse que seu nome é Gertrudes, e em pouco tempo começou a interagir com os meus colegas.

Figura 6 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Minha amiga é uma vaca (primeira página)*, 2018. Fotografia e texto impressos sobre papel, 29,7 x 21 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Gertrudes e Ofélia me ajudando a catar paina.

Fomos à Biblioteca Central, e ela ficou admirando o lago cheio de peixes. Havia também uma garça.



Gertrudes admirando o lago da Biblioteca Central.

Foram muitos momentos inesquecíveis com o passar dos dias, e o 50º Festival de Inverno da UFMG com certeza vai deixar saudades!

Figura 7 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Minha amiga é uma vaca (última página)*, 2018. Fotografia e texto impressos sobre papel, 29,7 x 21 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

1.3 Pinturas influenciadas pelo Fauvismo

Durante as aulas teóricas de arte na UFMG, eu pude conhecer melhor vários estilos artísticos. Dentre eles, o Fauvismo merece destaque, pelo modo com que influenciou a minha produção artística. Mais do que uma influência, foi um marco para a minha produção começar a ter considerável consistência. A minha necessidade de chamar a atenção por meio de uma arte cada vez mais colorida foi de encontro com as cores vibrantes do artista André Derain.

Senti cada vez mais necessidade de chamar a atenção por meio da arte pela vontade de ser conhecida e reconhecida pela sociedade. Faço arte não para ficar guardada, mas para ela ser vista pelo mundo, e acredito que cores fortes e vibrantes auxiliam a arte a ser mais esteticamente chamativa. As cores fazem parte da luta pelo sonho de conseguir vender arte. Não seria possível vender um objeto que as pessoas não veem.

A influência do Fauvismo na minha arte começou quando, após ter aulas teóricas sobre o tema, resolvi desenhar ao estilo do artista André Derain um porco que sorriu ao ser fotografado por mim em 2008, durante uma excursão escolar. Gostei tanto do resultado de tal desenho que resolvi fazer outros desenhos e pinturas em estilo parecido.



Figura 8 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *O porco que ri*, 2008. Fotografia revelada em papel fotográfico, 10 x 15 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

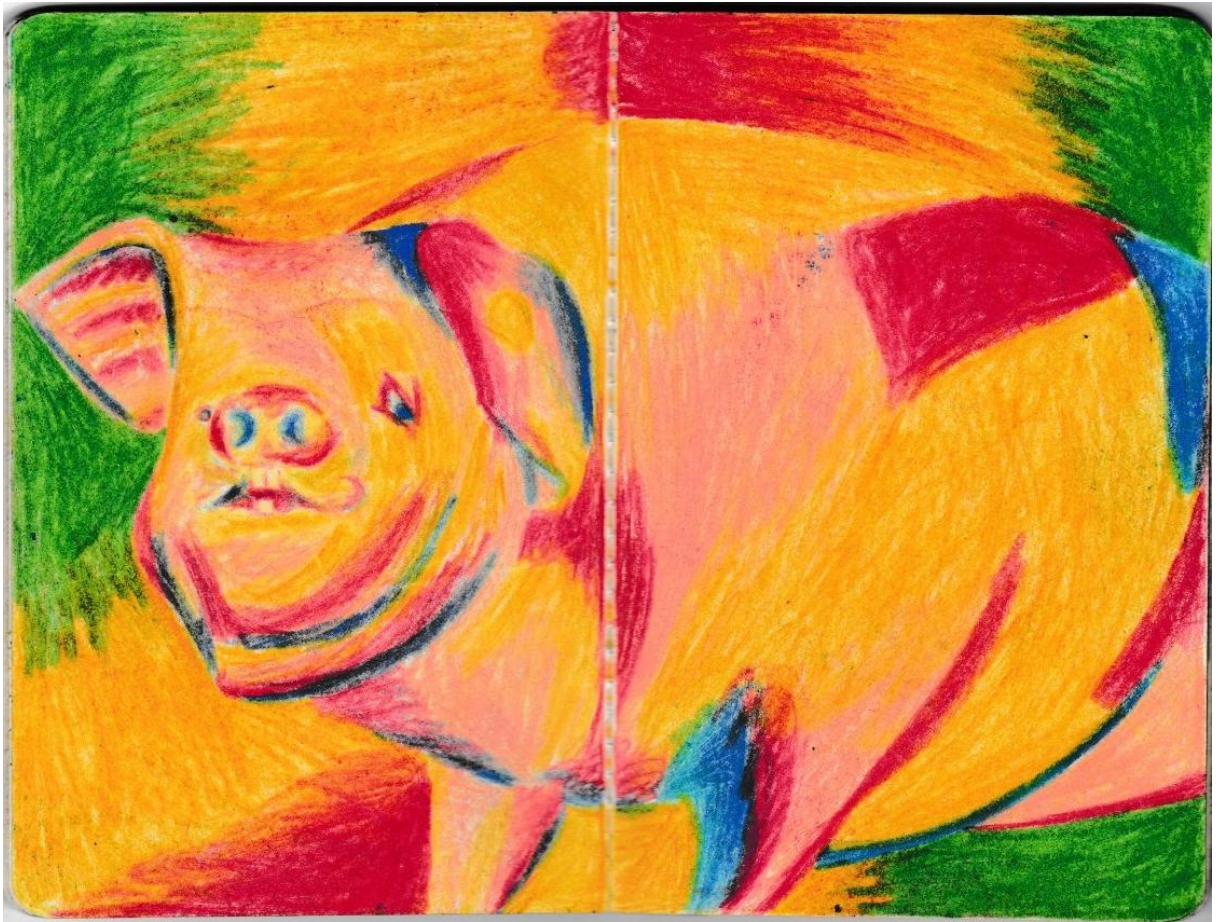


Figura 9 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *O porco que ri*, 2017. Lápis de cor sobre papel, 14,2 x 19 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 10 – DERAINE, André (1880-1954): *Ponte sobre o Riou*, 1906. Óleo sobre tela, 82,6 x 101,6 cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova Iorque, Estados Unidos da América. Fonte: MoMA.²

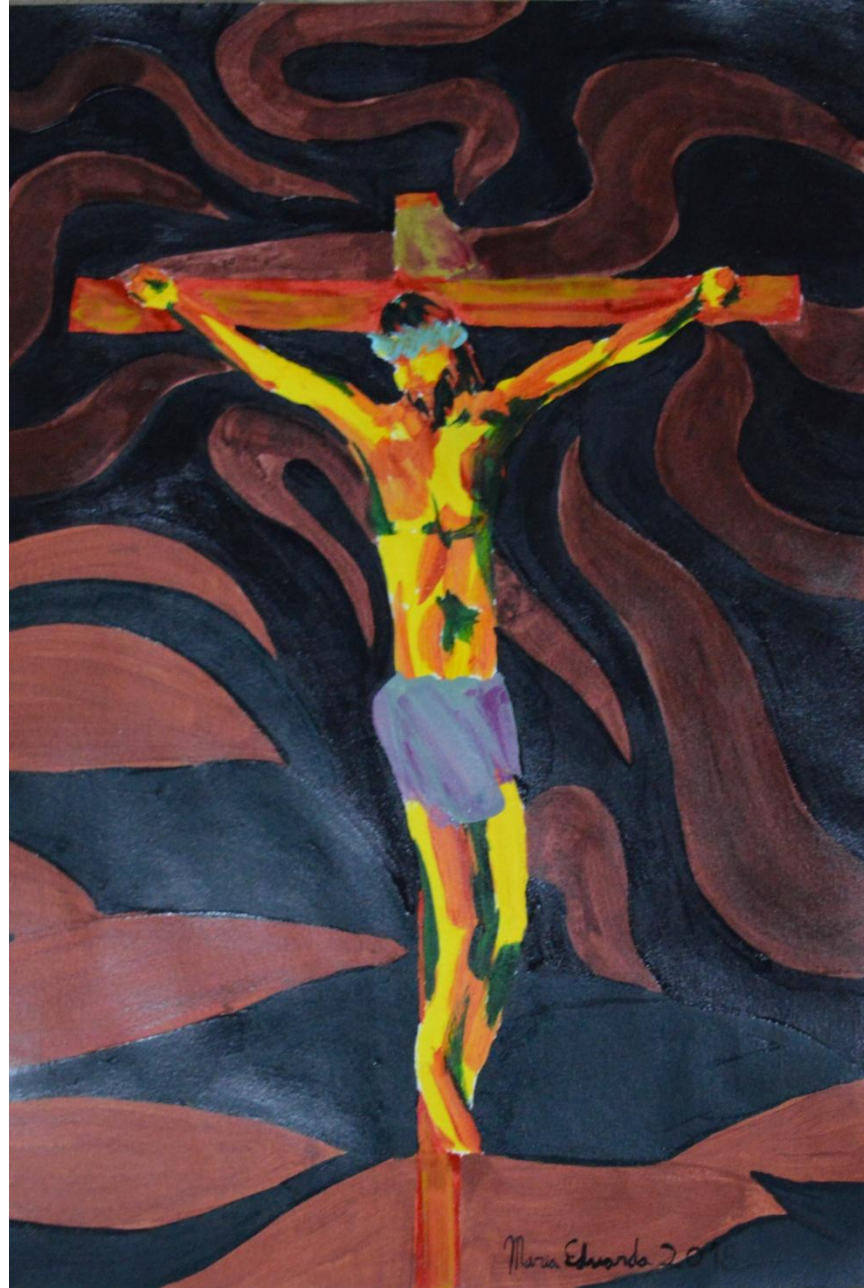


Figura 11 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Crucificação*, 2018. Acrílica sobre papel, 42 x 29,7 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Na pintura da *Crucificação*, eu me preocupei em fazer o corpo de Jesus Cristo com cores vibrantes, de modo a chamar bem mais atenção do que o resto da imagem. A cruz também tem cores quentes, mas não tão chamativas quanto o amarelo do corpo. O fundo tem cores mais escuras, frias e neutras, na tentativa de criar uma sensação de profundidade.

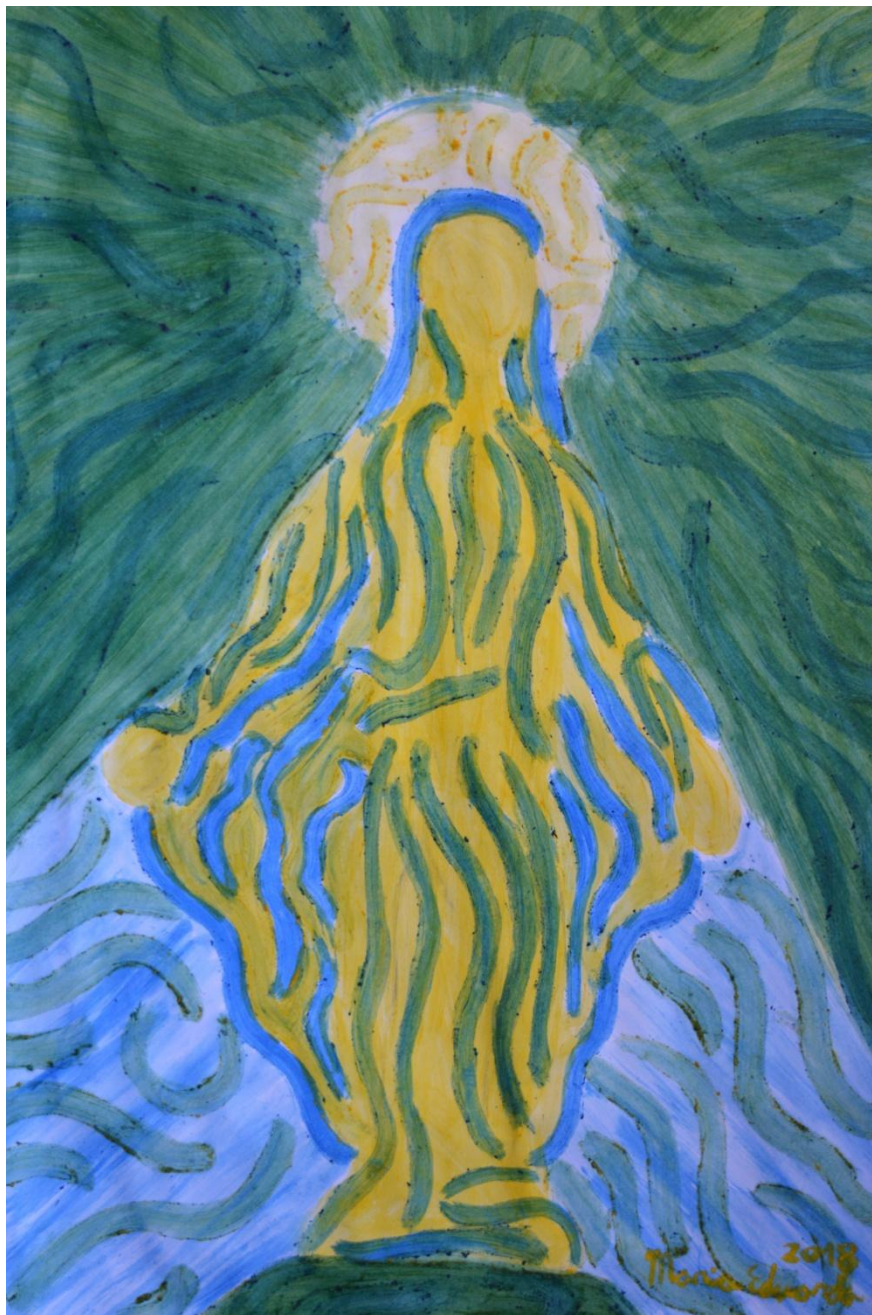


Figura 12 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Virgem Maria*, 2018. Guache sobre papel, 59,4 x 42 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Na pintura da *Virgem Maria*, eu utilizei novamente o amarelo para chamar a atenção para o corpo da figura. O azul faz contornos, profundidade e a representação iconográfica da roupa de Maria. Com apenas duas cores (amarelo e azul) de tinta guache velha e de qualidade escolar, preenchi uma folha de papel tamanho A2 e obtive este resultado, que me foi satisfatório.



Figura 13 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *São Bento*, 2018. Lápis de cor sobre papel, 29,7 x 21 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

No desenho de *São Bento*, as cores são fortemente riscadas em lápis de cor, e preenchem toda a área do papel, como se fosse uma pintura. Além do amarelo chamativo no corpo, no cajado, no copo e na auréola, o vermelho do livro e o verde da cobra dentro do copo se destacam pelo contraste com o marrom da roupa. Além disso, ao fundo, foram feitas, em cor de vinho, as quatro letras que aparecem maiores na cruz de São Bento: C, S, P e B.



Figura 14 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *O copo de São Bento*, 2018. Acrílica sobre tela, 40 x 40 cm. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Na Pintura *O copo de São Bento*, usei tons avermelhados para a pele da figura humana, deixando o amarelo para ajudar a dar destaque ao copo. A pintura representa o momento do copo se quebrando: “Quando perceberam que ele não transigia com costumes ilícitos, puseram veneno em seu vinho. Mas Bento fez o sinal-da-cruz e o copo quebrou como se tivesse levado uma pedrada.” (VARAZZE, 2003, p.298)

Nos quatro exemplos acima, é possível perceber o uso de traços curvos no estilo do fundo da pintura *Blusas no varal*. Mas essas produções apresentam um outro elemento: o

interesse pela arte religiosa. Mesmo não fazendo parte de toda a minha produção, esse é um aspecto importante em alguns casos.

Interesso-me pela simbologia da arte religiosa, por ser capaz de dizer muito com simplicidade. A imagem de um santo, por exemplo, ao apresentar determinadas feições e objetos, representa toda uma história religiosa vivida por aquela pessoa. É o tipo de imagem que “vale mais que mil palavras”. É uma temática que me inspira a fazer uma arte simples, expressiva e de fé.

2 LICENCIATURA

2.1 Perspectivas como professora e formadora de cidadãos

Entrei na Universidade Federal de Minas Gerais já pensando em fazer a habilitação em licenciatura no curso de Artes Visuais. Pensei em ser professora pois, apesar de ser dura a realidade da vida dos professores no Brasil, é ainda mais difícil viver tentando vender arte em um país em que a cultura é pouco valorizada. Escolhi estudar para me formar licenciada pensando no quanto é mais fácil me manter financeiramente como professora do que como artista. Entrei pensando que eu não poderia ser feliz trabalhando com algo que não fosse relacionado à arte.

Apesar do trabalho de professora transmitir uma certa segurança se for comparado ao de artista, muitas são as incertezas. Não tenho medo apenas de acabar ganhando pouco dinheiro, mas também de ser vítima de violência física por parte dos alunos. Tenho medo de não ser feliz e querer desistir, mesmo se eu for bem tratada e bem paga. A arte já não é mais a única área do conhecimento que me vem à cabeça.

Se eu for professora, gostando ou não, e não importando por quanto tempo, eu quero para os alunos uma boa formação de pensamento crítico, que seja para a vida, e não apenas para os Parâmetros Curriculares Nacionais. As aulas de arte devem ser muito bem planejadas para conseguirem sensibilizar as pessoas, estimulando-as a pensarem criticamente ao invés de receberem informações passivamente. Quero estar entre os professores que possuem esse nível de preocupação.

Seria muito bom ver nos estudantes uma geração com uma revolucionária valorização da arte, área de conhecimento tão desvalorizada por muitos brasileiros. É de uma hipocrisia sem tamanho alguém desejar isso aos alunos sem dar o melhor de si como professor. É evidente o estereótipo “Laissez-faire” que muitas pessoas têm das aulas de arte. Perpetuar esse estereótipo na prática docente é ser conivente com a inferiorização da arte diante das demais disciplinas escolares. Quero colaborar para que os alunos pensem em arte como uma disciplina tão digna de respeito quanto qualquer outra, e não como uma “aula de brincar”, “aula da soneca”, “aula de relaxar” ou “aula de fazer o que quiser”. A valorização da arte deve partir do professor, para servir de exemplo aos alunos.

Além do pensamento crítico e da valorização da arte, é muito importante também que os alunos aprendam a combater todo tipo de intolerância. A arte muitas vezes tem teor político, com um engajamento de luta por diversas minorias representativas. Um ensino de qualidade dessa disciplina escolar pode ajudar na formação de uma geração mais tolerante, respeitosa e pacífica.

A escola, como um lugar de formação de cidadãos, deve estar aberta ao debate, para que os alunos cresçam aprendendo a respeitar as diferenças, desde o ambiente da sala de aula até as vias públicas. Ignorar a presença da defesa de direitos humanos dentro da arte é ser conivente com a perpetuação de pensamentos e ações de ódio e preconceito arraigados na sociedade.

Pretendo atuar como docente honrando as minhas próprias prioridades (valorização da arte, formação de pensamento crítico e combate à intolerância), e não será dando aulas de qualquer jeito que isso será possível. É preciso planejar atividades diversificadas, e, além disso, adaptá-las ao universo dos alunos, para despertar o interesse deles. Para que as experiências nas aulas de artes sejam mais completas, devem ser combinadas a teoria e a prática.

Quanto à teoria, eu pretendo lecionar mostrando aos alunos obras de arte de diversas modalidades, para que eles conheçam todas elas. Ao mostrar exemplos de arte com teor político, os estudantes terão acesso a um material que estimule o pensamento crítico, e a sensibilidade para questões artísticas provocativas. Podem ser, inclusive, questões que afetem diretamente os alunos, se forem pertencentes ao universo deles. Se um aluno, pertencente a alguma minoria, sofre determinado tipo de preconceito, e esse preconceito é abordado na obra de arte mostrada, não apenas essa pessoa, mas todos os seus colegas podem ser sensibilizados. A arte pode despertar pensamentos e questionamentos que algumas pessoas nunca imaginariam lhes passar pela cabeça.

Quanto à prática, é preciso propor aos alunos atividades diversificadas nas quais eles sejam protagonistas, e não apenas receptáculos de informações. As atividades não devem focar na demonstração de feitiço por meio da apresentação de objetos produzidos, mas sim, na significação da arte para os alunos, e na sensibilização destes. Não adianta colocar os alunos para desenhar, pintar e esculpir, e no final mostrarem suas produções, se essas práticas para eles foram indiferentes e insignificantes. É preciso fazer com que eles saiam carregando algo de significativo, assim como ninguém sai vazio de um debate acalorado.

2.2 Propostas de atividades artísticas para a licenciatura

Poderia ser proposta uma atividade em que os alunos teriam que escrever um texto relatando sobre experiências estéticas que eles tiveram com as mais variadas modalidades artísticas. Muitas vezes, a arte aparece na vida das pessoas sem elas se darem conta. Com esse exercício, os alunos seriam estimulados a prestar mais atenção à influência da arte na vida deles. O texto poderia ser sobre alguma pintura que o aluno vê ao ir da casa para a escola, alguma música que o aluno gosta de ouvir e faz ele refletir, uma peça de teatro que o aluno assistiu, ou qualquer outra modalidade artística dentro do contexto dessa pessoa. Os textos deveriam ter entre meia página e uma página, para não ficarem nem muito curtos e nem muito longos. Com o compartilhamento dos textos entre os alunos, cada um aprenderia mais sobre a diversidade dentro da arte, e sobre as experiências trazidas pelos colegas. Seria possível que alguns passassem a enxergar a arte onde antes eles não a viam.

Logo após a atividade do texto sobre a experiência estética, poderia ser proposta aos alunos uma atividade em que cada um teria que fazer um desenho sobre aquilo que é descrito no seu próprio texto. O desenho poderia conter ou não a imagem do próprio aluno. Seria sugerido o uso de papel ofício tamanho A4, lápis grafite e lápis de cor, pois estes são materiais mais acessíveis e de mais fácil manuseio se comparados a outros, como por exemplo, as tintas de diversos tipos. Os desenhos dos alunos seriam compartilhados, para que todos pudessem ter contato com a expressão artística de seus colegas. Assim, os alunos desenvolveriam melhor o seu modo de expressão, tanto pela escrita quanto pelo desenho, por meio de atividades que levam em consideração o contexto das vivências de cada um dos participantes. Seria enfatizada a importância do respeito de cada um pelos trabalhos e pelas preferências dos outros, seja dentro ou fora da arte.

Os cartuns e as charges são desenhos, na maioria das vezes combinados com textos, abordando questões que provocam reflexões nos observadores. Reunir alguns desses materiais e apresentá-los aos alunos poderia fazer com que eles passassem a pensar em situações que antes seriam sem importância para eles. Após estimular neles o pensamento crítico por meio da apresentação de cartuns e charges, poderia ser proposta a produção de cartuns e charges pelos alunos, para que eles mesmos se forcem a pensar em questões que os chamam a atenção, e como eles se expressariam visualmente a respeito dessas questões. Eles poderiam utilizar os materiais de desenho que tivessem acesso, o que na maioria das vezes não vai muito além de lápis de cor e lápis grafite, já que o mais importante é a ideia a ser transmitida, e não o material, porém, os cartuns e charges geralmente são feitos com materiais de desenho, e não de pintura. É mais importante, em cartuns e charges, fazer uma boa crítica social do que pensar se é melhor usar lápis de cor ou tinta. Com essa atividade, eles estariam exercitando tanto o pensamento crítico quanto a expressividade. Com o compartilhamento das produções entre os colegas, eles teriam a oportunidade de uns conhecerem as questões levantadas e os modos de se expressar graficamente dos outros. Seria estimulado o respeito aos diferentes jeitos de desenhar, de colorir, de pensar em questões importantes e de se expressar sobre elas.

As atividades de cópias de obras famosas são frequentemente propostas por professores que focam as aulas no ensino técnico da arte. As releituras, porém, não são simplesmente cópias, mas jeitos inovadores de se representar obras que já existem. Ao propor a produção de releituras aos alunos, seria importante reafirmar o exercício da criatividade acima da preocupação com a fidelidade da cópia. Seriam apresentadas pinturas de artistas considerados importantes, mas os alunos também seriam questionados sobre artistas a serem indicados por eles mesmos para a realização da atividade. Eles poderiam usar ou não materiais de desenho e pintura parecidos com os das obras originais, exceto materiais de difícil manuseio, como tintas a óleo e têmperas de ovo, entre outros. É sempre bom convidar os alunos a observarem as produções dos colegas, para que eles aprendam a respeitar as diferenças e possam se inspirar na criatividade dos outros.

Para estimular o interesse dos alunos em realizar pesquisas, poderiam ser propostas atividades combinando pesquisa e prática. A pesquisa deveria obedecer a um tema ou período artístico indicado pelo professor, mas os alunos seriam livres para pesquisar o que quisessem dentro desse tema. Assim, eles chegariam a uma pluralidade de informações, mesmo com as limitações do recorte proposto pelo professor. Mesmo que eles copiassem textos de sites, o que é comum, só o ato de ler já traria um aprendizado. Ao compartilhar os textos produzidos no momento de apresentação para a turma, cada um aprenderia muito mais com as

informações trazidas pelos colegas. Para que os estudantes não se sintam muito passivos ao ficarem estudando a arte que já existe, as pesquisas poderiam ser combinadas com atividades práticas, as mais parecidas possíveis com o tipo de arte pesquisado, pensando nos materiais acessíveis aos alunos. Assim, seriam trabalhadas as pesquisas, a prática artística e a criatividade na adaptação da arte ao contexto dos alunos.

2.3 Sugestões de material didático e artistas

Para os alunos lerem, eu sugeriria um livro de história da arte que foi meu material escolar durante parte do meu ensino fundamental. O livro se chama *História da arte*, de Graça Proença. Esse livro é um bom material didático, pois contém muitas imagens e textos sobre os mais variados períodos artísticos, da Pré-História até a Arte Contemporânea. O material aborda obras de variados tipos e países, o que pode enriquecer o conhecimento dos alunos sobre a arte ao redor do mundo. Eles podem aprender, inclusive, sobre a arte que está mais próxima do seu próprio contexto. Como há contextos escolares muito distintos, nos que os alunos não tivessem condições de comprar o livro o professor poderia levá-lo para mostrá-lo a eles. Eles poderiam, também, ser aconselhados a pesquisar por conta própria a existência de outros livros de arte ricos em informações e imagens, assim como a visitar sites que são voltados à arte.

O professor deve mostrar aos alunos pelo menos alguns dos artistas mais famosos, pois o total desconhecimento sobre eles causaria a impressão de um aprendizado fraco em arte. Por outro lado, apresentar apenas artistas muito famosos pode acabar distanciando o conteúdo da aula do contexto dos alunos, e consequentemente, aumentando as chances de haver desinteresse por parte deles em participar das aulas. Os alunos também devem ter oportunidades para mostrar nas aulas os artistas de seus interesses e contextos, compartilhando conhecimentos sobre a arte dentro de diferentes realidades e níveis de fama. O professor, ele mesmo, deve apresentar artistas menos conhecidos que outros, para que os alunos percebam que um artista menos famoso não deixa de ser artista.

É muito importante o professor mostrar aos alunos a arte de famosos como Leonardo da Vinci, do Renascimento, e Caravaggio, do Barroco, entre outros do mesmo nível de importância para a história da arte. Mas na arte contemporânea, por mais que existam artistas famosos, eles não parecem conseguir alcançar o mesmo nível de fruição que é concedido aos

grandes mestres do Renascimento e do Barroco. Muitas pessoas ainda têm o pensamento conservador de que a arte deve ser feita com a finalidade de demonstrar beleza, e as obras renascentistas e barrocas têm esse propósito com muito mais intensidade do que a Arte Contemporânea, que geralmente está mais ligada ao estímulo do pensamento crítico no espectador. “As discussões do campo do ‘belo’ associaram-se a Antiguidade greco-romana e ao Renascimento italiano, considerados os momentos mais significativos dessa expressão.” (VIVAS; GUEDES, 2015, p.9). Em seu texto *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, Walter Benjamin fala sobre a revolução que a invenção da fotografia trouxe à arte, fazendo-a perder o seu valor aurático e de unicidade, e também a importância de retratar realismo e beleza. Hélio Oiticica não é famoso que nem Da Vinci, ou pelo menos não para o público leigo em arte. Essa questão da fama também pode ser trabalhada com os alunos, ao serem levantados questionamentos sobre as mudanças, ao longo do tempo, no nível de importância dada aos artistas mais consagrados de cada período artístico.

Os alunos devem ter conhecimento sobre artistas contemporâneos que estimulem o pensamento crítico, e por isso, eu apresentaria a eles alguns cartunistas e quadrinistas, como por exemplo, o polonês Pawel Kuczynski e o brasileiro Pedro Leite. Os trabalhos de cartunistas e quadrinistas geralmente não são divulgados com fichas técnicas, pois o ponto principal deles é a reflexão que se quer provocar, e não o material e o suporte utilizados no desenho.

O trabalho de Pawel Kuczynski geralmente é desprovido de textos, mas mesmo assim, diz muito, com suas explícitas críticas sociais. Muitas de suas produções são relacionadas ao uso excessivo que a população mundial faz de aparelhos eletrônicos e redes sociais. No geral, o contexto ao qual suas obras se referem é global. O artista se preocupa bastante com a qualidade técnica de seus desenhos, ao contrário da maioria das pessoas que fazem desenhos com intenções semelhantes, devido à falta de necessidade para tal. É um artista que sabe, como poucos, unir criatividade, crítica social e qualidade técnica, e por isso é tão importante.

Pedro Leite faz quadrinhos com críticas sociais que são, na maioria das vezes, direcionadas ao contexto brasileiro. Ao contrário de Pawel Kuczynski, ele não se preocupa muito com a qualidade técnica dos desenhos, mas isso não tira o valor de sua arte. É na simplicidade de expressão, aliada ao uso de textos, que se encontra a qualidade do trabalho do artista em questão.

Tanto Pawel Kuczynski quanto Pedro Leite, cada um com seu contexto e a seu modo, consegue cativar o público com sua arte, explicitando críticas sociais que se encaixam na vida de milhões de pessoas.

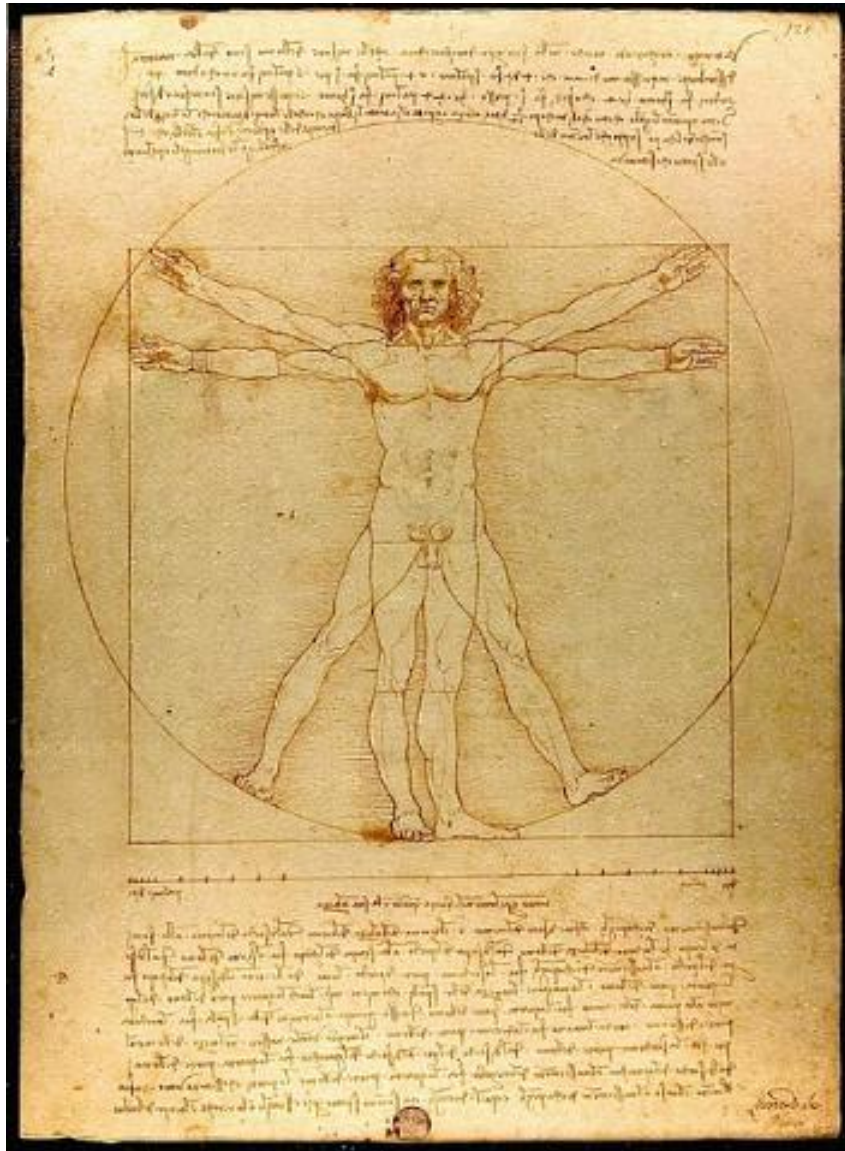


Figura 15 – DA VINCI, Leonardo (1452-1519): *Homem Vitruviano*, 1492. Caneta, tinta e água sobre papel, 35 x 26 cm. Acervo L'Accademia di Belle Arti di Venezia, Veneza.³



Figura 16 – CARAVAGGIO, Michelangelo Merisi da (1571-1610): *O Sepultamento de Cristo*, 1602-1603. Óleo sobre tela, 300 x 203 cm. Acervo Pinacoteca Vaticana, Vaticano.⁴



Figura 17 – KUCZYNSKI, Pawel (1976): *Blinkers*, 2016.⁵



Figura 18 – LEITE, Pedro Grehs (1984): *A mulher segundo as propagandas*.⁶

3 UNINDO TEORIA E PRÁTICA

3.1 Laboratórios de licenciatura 1 e 2

Nas disciplinas de Laboratório de Licenciatura 1 e 2 na UFMG, eu tive que desenvolver um projeto de material didático e colocá-lo em prática para uma turma de alunos

de uma escola pública. Foi uma experiência muito enriquecedora, pois foi a primeira vez em que eu estive em uma sala de aula como professora.

No Laboratório de Licenciatura 1, a tarefa era de elaboração do projeto de material didático, com a prática apenas entre os colegas da turma na Escola de Belas Artes da UFMG. Foi uma boa oportunidade de testar se o projeto de cada um daria certo em escolas se continuasse do jeito inicialmente planejado. E o meu não deu muito certo. Fiquei insegura, sem fazer ideia sobre como seria, no período seguinte, a apresentação em uma escola.

Fiz caixas de papelão e cartolina e pintei-as, para que ficassem chamativas. No projeto inicial, fiz apenas uma caixa, e coleí palitos de dente no interior dela, na tentativa de permitir o encaixe de múltiplas folhas de papel. A ideia era misturar papeis com e sem transparência, de modo a gerar uma sobreposição de imagens. Os palitos se soltavam facilmente, e a turma do Laboratório de Licenciatura teve dificuldades ao tentar encaixar as folhas na caixa. Eu também deveria fazer mais de uma caixa, para poder atender à demanda de uma turma. Percebi que muita coisa deveria ser mudada para chegar a uma boa versão final.

Escolhi o tema da sobreposição de imagens por acreditar que, quando uma imagem interfere em outra, surge então uma terceira imagem, podendo trazer resultados satisfatórios seja por meio de uma sobreposição calculada ou improvisada.

Apesar de ter conseguido fazer algumas caixas e solucionar o problema dos palitos de dente com tiras de cartolina presas com fita adesiva nas caixas, eu estava insegura, mas mesmo assim, fui apresentar o meu projeto em uma escola, durante a disciplina Laboratório de Licenciatura 2. Junto com as caixas, distribuí aos alunos folhas de papel jornal, papel vegetal e lápis de cor. Acabei percebendo que as caixas nem eram necessárias, uma vez que os alunos não deram muita atenção a elas, mas mesmo assim a aula teve um agradável imprevisto.

Os estudantes fizeram variados e coloridos desenhos, não apenas sobrepondo imagens, mas criando movimentos com elas. Desenharam pista de skate, atirador de arco e flecha, barco navegando, Jesus ressuscitando, caixa com balões, etc. Foi bastante positiva a minha primeira experiência com a licenciatura, bem melhor do que as minhas expectativas. Os alunos pareciam ter gostado da atividade e ficado felizes, pelo claro empenho e criatividade da grande maioria deles. Alguns copiaram um colega que teve a ideia de desenhar um barco navegando, mas a maioria teve muita criatividade, fazendo desenhos variados. A aula foi boa, pois foi proveitosa para mim e para os alunos, trazendo resultados concretos de produção criativa.



Figura 19 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Aluno desenhando na aula de sobreposição de imagens*, 2018. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 20 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Sobreposição de 3 imagens*, 2018.

Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 21 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Sobreposição de duas imagens*, 2018.
Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 22 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Caixa de Sobreposição de imagens*, 2018. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 23 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Aluno desenhando atirador de arco e flecha*, 2018. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

3.2 Estágios

Os estágios são uma boa oportunidade de contato direto com as diferentes realidades das escolas para o aperfeiçoamento prático dos estudantes de licenciaturas. Tive essa oportunidade em lugares bem distintos: uma escola particular, repleta de filhos de empresários, crianças falando com naturalidade sobre os preços dos carros de luxo de seus pais, e uma sala de artes com várias estantes ricas em materiais diversos. Por outro lado, uma escola pública da rede estadual, com muitas pichações homofóbicas e gordofóbicas, assistência precária a alunos com necessidades especiais, e a professora de artes tendo que gastar o seu próprio dinheiro para comprar papel comum para os alunos fazerem qualquer atividade prática na aula. Sem a oportunidade dos estágios, eu não teria noção dos problemas enfrentados pelos professores das mais diferentes escolas em seu cotidiano profissional.

Olhando por fora, as escolas luxuosas parecem ser perfeitas, e as precárias parecem não ter salvação. Mas a verdade é que, em ambos os casos, olhando de dentro, é possível

reconhecer pessoas trabalhadoras lutando para solucionar problemas, por mais que umas sejam bem melhores do que outras (pessoas e escolas). Além desse contato com as pessoas (professores, alunos e funcionários) solucionando diversas questões escolares, os estágios são importantes também para inspirar os estagiários com ideias de aulas dadas pelos professores, sejam elas aulas baseadas em livros didáticos, discussões acerca de temas artísticos ou aulas práticas. É essencial à formação dos professores esse contato com uma diversidade de possibilidades didáticas.

Em um dos estágios, em escola particular, tive a oportunidade de ajudar as professoras e a auxiliar de artes a manusear materiais variados para melhorar o andamento da aula. Uma vez, por exemplo, segurei um saco sobre uma bacia para ajudar a turma a coar pigmentos feitos de terra. Também ajudei a supervisionar os alunos, às vezes de forma geral, e às vezes alunos específicos, dependendo das necessidades de cada aula e momento. Conversei com alunos e até participei de algumas atividades práticas, as quais as professoras às vezes também praticavam. Percebi nessa escola que no mundo há espaço para crianças que não se encaixam nos padrões intelectuais da sociedade, mas infelizmente é raro encontrar escolas brasileiras com boa estrutura para receber crianças com autismo ou síndrome de Down.

Em um estágio em escola pública da rede estadual, tive a oportunidade de contato com uma realidade bem diferente das escolas nas quais eu estudei a vida inteira. Enquanto que na escola particular do estágio anterior não faltavam auxiliares para supervisionar os alunos, nesta estadual tinha apenas uma funcionária para cuidar de dois alunos especiais que estudavam em salas diferentes. A sala de artes era na verdade uma sala de química abandonada, com goteiras no teto devido a problemas com a caixa d'água que ficava logo acima. Uma realidade parecia ser o extremo oposto da outra. Como as pichações e os grafites na escola pública em questão foram muito chamativos para mim, eu resolvi fazer a cartografia do Estágio 2 fazendo intervenções com canetas hidrográficas sobre fotos em preto e branco, ou seja, intervenções sobre intervenções (colorido sobre as fotos dos desenhos e pinturas feitos pelos alunos na escola). Cada imagem tem no verso a sua respectiva explicação. Foram marcantes os escritos homofóbicos e gordofóbicos que encontrei pelas paredes da escola, com xingamentos dirigidos a alunas e até a um professor. Mas foram encontradas, também, manifestações artísticas que clamam por esperança em um mundo melhor.

Apesar das adversidades, sei que terei uma luta pela frente a cada dia de trabalho como professora, seja na rede pública ou mesmo na particular. Afinal, trabalhar com dezenas de seres humanos em formação é sempre um desafio sujeito a vários imprevistos, às vezes bons e às vezes ruins, mas é preciso saber lidar com todos eles.

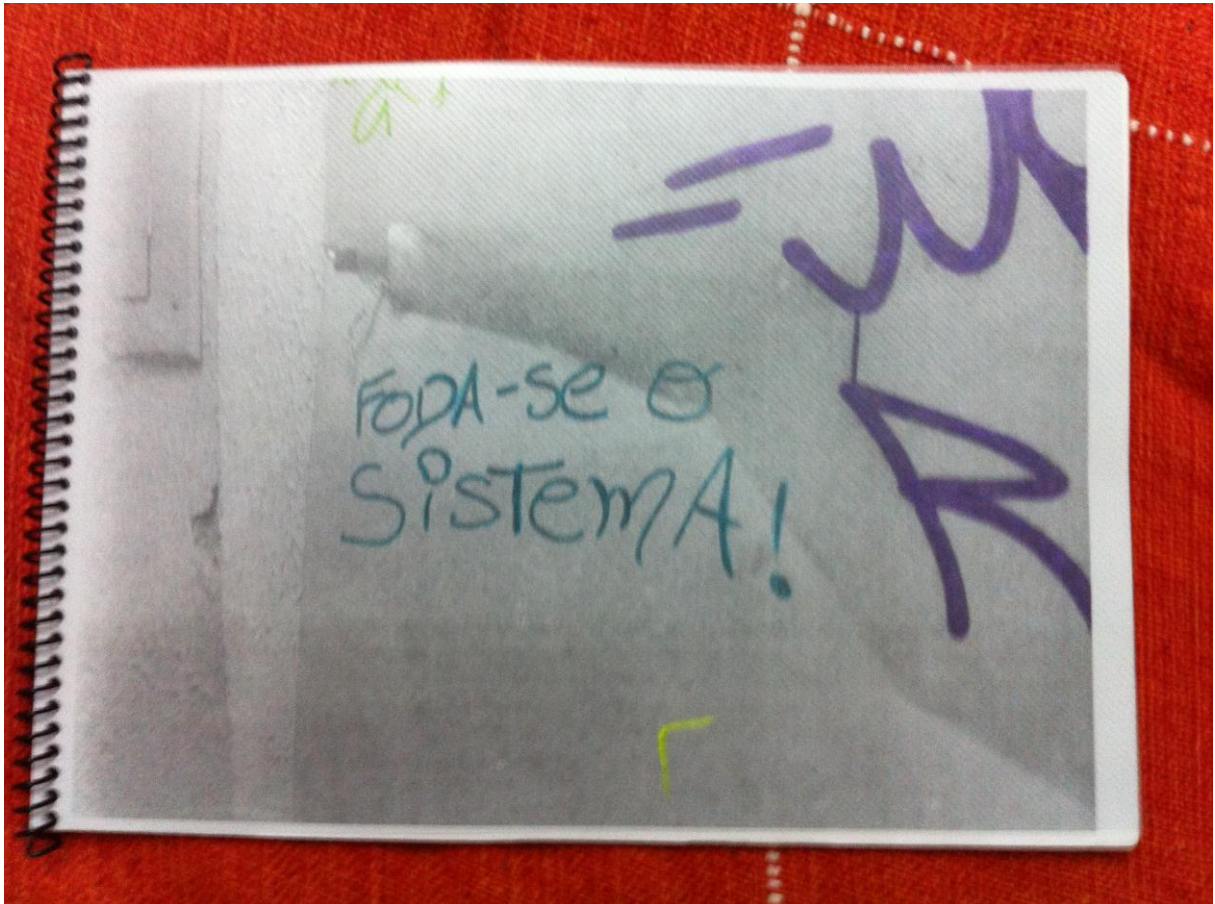


Figura 24 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Capa do caderno da cartografia do Estágio 2*, 2018. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

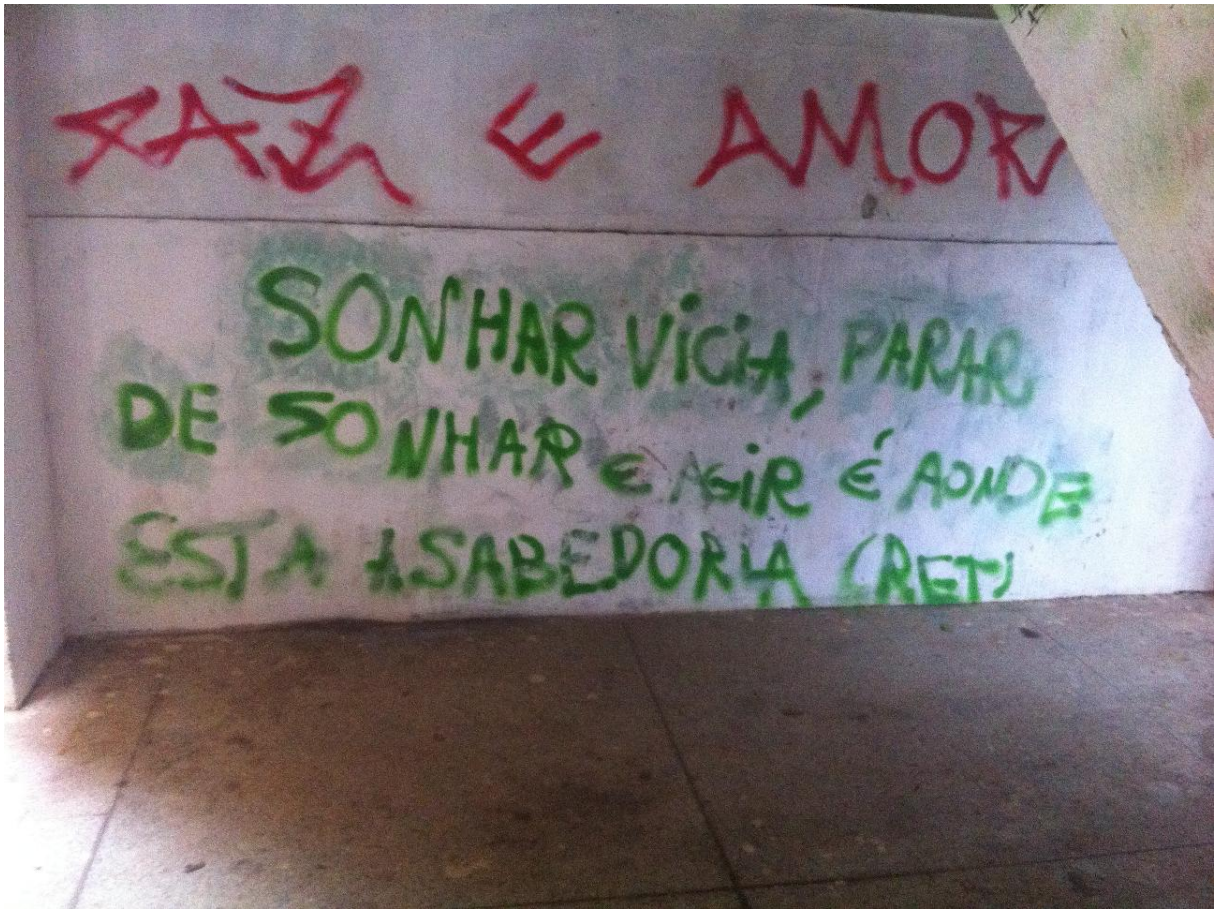


Figura 25 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Frases poéticas em parede do colégio do Estágio 2*, 2018. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 26 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Grafites e pichações em parede do colégio do Estágio 2*, 2018. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.



Figura 27 – VIEIRA, Maria Eduarda Moreira Martins (1997-presente): *Pichação homofóbica e debochada em parede do colégio do Estágio 2*, 2018. Acervo coleção particular da autora, Belo Horizonte, Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

3.3 Influências da Crítica de Arte

Graças às aulas de Crítica de Arte na UFMG, passei a ter uma visão mais crítica sobre obras de arte em exposições, e até mesmo sobre a minha própria produção artística. Foi quando eu finalmente me dei conta de que eu tinha a necessidade de maior consistência de estilo entre meus desenhos e pinturas.

Além dos estudos curriculares, fiz uma pesquisa sobre o crítico de arte brasileiro Gonzaga Duque, o que me influenciou bastante quanto à visão que eu tenho da arte. Ao ler Gonzaga Duque, percebi a importância que tinha para ele as obras de arte possuírem os seguintes fatores: coerência com relação às obras de um mesmo artista (algo que, para além da assinatura, identifique obras como produzidas por determinado artista), posicionamento

firme com relação à própria proposta elaborada pelo artista (ao invés de deixar erros evidentes), inovação com relação ao que já existe na arte conhecida, qualidade de composição (tanto do desenho quanto das cores) e expressão (a obra ser tocante às sensações do público, e não apenas boa tecnicamente). Sobre este último fator, como já dizia Alexandra Filomena Espindola, Gonzaga Duque “... não abre mão de afirmar que a arte precisa de vida.” (ESPINDOLA, 2009). Sobre a questão do posicionamento firme, Gonzaga Duque fez duras críticas a várias obras, como por exemplo, uma pintura de Frei Solano em um altar no Convento de Santo Antônio: “O ponto mais vulnerável em frei Solano era a expressão dos gestos; algumas das suas figuras têm movimentos esqueléticos, ações que não correspondem à articulação dos membros, expressões que não traduzem com propriedade o pensamento.” (DUQUE, 1995, p. 84-85). Sobre a figura de Sertório na obra *Sertório com a sua corça*, de Jean Leon Pallière Grandjean Ferreira, Duque diz: “Não sei em que documento histórico o artista estribou-se para fazer do simpático personagem um ente tão feio.” (DUQUE, 1995, p.127). Passei a buscar, na minha própria produção artística e na de terceiros, esses fatores de significativa importância para este tão importante crítico de arte brasileiro, pois são fatores que consigo perceber em obras de diversos períodos, até mesmo em produções contemporâneas, apesar do crítico em questão ter sido destaque no final do século XIX e início do século XX. Muitos podem discordar, mas eu o considero ainda atual. O que defendo não é uma transposição literal das duras críticas de Gonzaga Duque à Arte Contemporânea, mas sim, uma adaptação, considerando as questões pertinentes à arte posterior ao crítico, sem desconsiderá-lo.

Penso que é importante trazer aos estudantes do ensino básico noções básicas de crítica de arte, mesmo que esse conteúdo não apareça nos livros didáticos. Ao dar aulas práticas, pretendo disponibilizar aos alunos um tempo para reflexão acerca da própria produção de cada um e também da dos colegas, de modo que as pessoas possam fazer críticas construtivas e bem fundadas sobre produções artísticas.

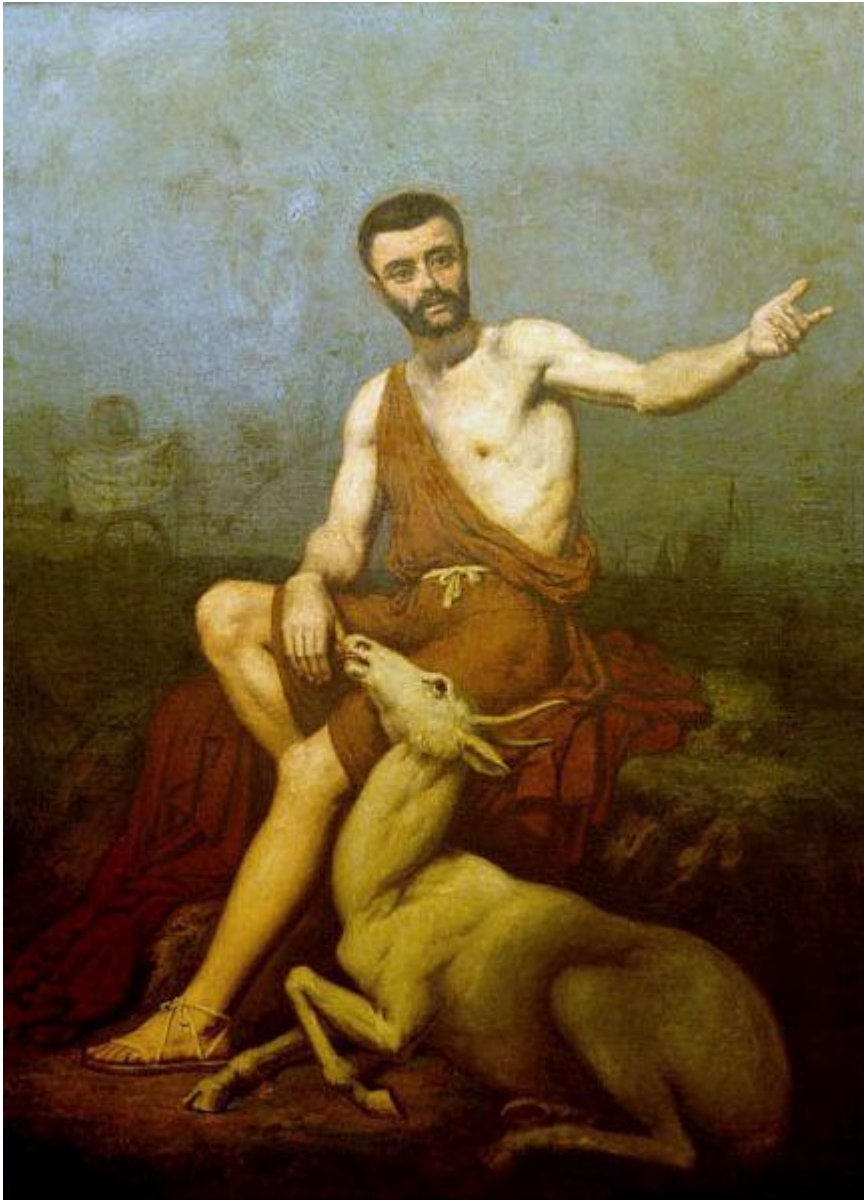


Figura 28 – FERREIRA, Jean Leon Pallière Grandjean (1823-1887): *Sertório com a sua corça*, 1849. Óleo sobre tela, 116 x 89,3 cm. Acervo Museu Dom João VI, Rio de Janeiro, Brasil.⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrei na Universidade Federal de Minas Gerais centrando-me no objetivo da finalização: a formação em Artes Visuais com habilitação em Licenciatura. Quanto maior a aproximação desse objetivo, mais fui me dando conta da importância do processo de aprendizado a cada dia na Universidade e nas escolas de estágio. De nada valeria poder me dizer formada para ser professora, formadora de seres humanos, sem a aquisição de toda a

bagagem de conhecimento acumulado durante esses quatro anos de graduação. Não me sinto uma pessoa formada e pronta, mas sim, alguém ainda capaz de aprender a cada dia dentro de salas de aula como professora de artes. Sim, capaz de aprender com os alunos, assim como de ensinar algo a eles.

A entrada na UFMG foi um choque de realidade pela grande diferença com relação ao meu ensino médio em escola particular. Os alunos universitários têm que ir atrás de várias coisas que antes eu nem sabia que existiam, como por exemplo, os créditos extracurriculares. Além disso, senti o peso da falta de proximidade com os professores iniciais, mas essa questão foi melhorando com o passar dos semestres. No primeiro período, tive professores que eram muito duros no tratamento com os alunos, mas com o passar dos períodos, novos professores foram aparecendo, e a minha proximidade com alguns foi melhorando.

Durante a maior parte do curso, eu careci de um mínimo de consistência na minha própria produção artística. Melhorei quanto a isso, mas ainda considero essa questão longe de ser totalmente superada.

Superei medos e adversidades com o choque de realidade que tive na UFMG e nos estágios. Aprendi a vencer preconceitos e a estar melhor preparada psicologicamente para os imprevistos que podem ocorrer em qualquer tipo de escola. Tanto o lado bom quanto o lado ruim dos desafios de cada dia dão gosto à vida.

Gostaria de agradecer ao meu orientador Eugênio Paccelli e a todos aqueles que me apoiaram e apostaram no meu sucesso. Ao final desta trajetória da graduação, quero continuar superando meus obstáculos internos e externos, vivendo, ensinando e aprendendo.

NOTAS

¹ Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/79103>> Acessado em: 29 mar. 2019

² Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/83381>> Acessado em: 17 mar. 2019

³ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Da_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg> Acessado em: 17 mar. 2019

⁴ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caravaggio_-_La_Deposizione_di_Cristo.jpg>. Acessado em: 17 mar. 2019

⁵ Disponível em: <<https://www.pictorem.com/93314/blinkers.html>>. Acessado em: 17 mar. 2019

⁶ Disponível em:

<<http://www.quadrinhosacidos.com.br/2014/01/34-mulher-segundo-as-propagandas.html>>. Acessado em: 17 mar. 2019

⁷Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:L%C3%A9on_Palli%C3%A8re_-_Sert%C3%B3rio_e_sua_cor%C3%A7a,_1849.jpg> Acessado em: 13 abr. 2019.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política – Obras Escolhidas I*. Trad. Rouanet, S.P. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUQUE ESTRADA, Luís de Gonzaga; CHIARELLI, Tadeu. *A arte brasileira*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. 270p.

ESPINDOLA, Alexandra Filomena. *Vida na arte em Gonzaga Duque. 19&20*, Rio de Janeiro, v. IV, n. 4, out. 2009.

Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/gd_afe.htm>. Acessado em: 19 mar. 2019.

PROENÇA, Graça. *História da Arte*. 17ª Ed. 3ª impressão. São Paulo: Ática, 2008. 448p.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução de Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 1040p.

VIVAS, Rodrigo; GUEDES, Gisele. *Da Narrativa Comum à História da Arte: Uma Proposta Metodológica*. Art Sensorium. Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais. 2015. v. 2, n.1